

A FORMULAÇÃO DO SUJEITO MISSIONEIRO NAS CANÇÕES NATIVISTAS: ESPAÇO DE HISTÓRIA E DE MEMÓRIA

Mirela Schröpfer Klein ¹

RESUMO: No presente artigo, propomos analisar o processo de formulação do sujeito missioneiro a partir do que se canta sobre as Missões do Rio Grande do Sul (RS). O nosso corpus constitui-se de sequências discursivas das letras de músicas presentes no disco Os quatro troncos missioneiros, as quais fazem referência à história da região das Missões, a fim de observarmos de que modo ocorre e quais as particularidades do processo de identificação do sujeito missioneiro, a partir do que se canta sobre as Missões do Rio Grande do Sul. Para tanto, filiamo-nos à teoria da Análise de Discurso pecheuxtiana, tal como desenvolvida no Brasil atualmente, observando a constituição do sujeito missioneiro, seu processo de identificação e também os espaços de memória e história que são referenciados.

Palavras-chave: Missões; Música; Sujeito; Identificação.

The formulation of the missionary subject in the nativista songs: space of history and memory

ABSTRACT: In this article, we propose to analyze the process of formulating the missionary subject from what is sung about the Missions of Rio Grande do Sul (RS). Our corpus is made up of discursive sequences of the lyrics of the songs present in the album Os quatro troncos missioneiros, which refer to the history of the Missões region, in order to observe how it occurs and what are the particularities of the subject identification process. missionary, from what is sung about the Missions of Rio Grande do Sul. For that, we join the Pecheuxtian Discourse Analysis theory, as it is currently developed in Brazil, observing the constitution of the missionary subject, his identification process and also the memory and history spaces that are referenced.

Keywords: Missions; Music; Subject; Identification.

¹ Doutoranda em Letras, ênfase em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). mirelaklein0@gmail.com.

O presente artigo foi elaborado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

Palavras iniciais...

“Sou missioneiro das barrancas do uruguai,
me sinto o dono do mundo quando escuto um sapucaý”

(Emerson Gottardo em *Das Barrancas do Uruguai*)

“Os quatro são missioneiros,
Unidos num mesmo abraço;
São tentos do mesmo laço,
Brasas dos mesmos braseiros,
Chispas dos mesmos luzeiros,
Que onde um vai o outro vai.
Nenhum pesar os contrai
Nem desencanto nem mágoa;
Os quatro beberam água
Nos remansos do uruguai.”

(Os Quatro Troncos Missioneiros²)

Discutir a temática missioneira, um tema multifacetado e no qual ocorrem divergências entre seus estudiosos, tem sido de grande valia para entendermos um pouco mais o funcionamento e a construção de nossa história. As Missões no Rio Grande do Sul consistem, atualmente, em uma delimitação de espaço geográfico regional, localizadas no noroeste do estado e com um fator atípico e em crescente no setor do turismo. Mas, para além da geografia e do setor econômico, caracteriza-se como espaço de cultura, memória e história.

A história do período jesuítico na região, está bastante atrelado à instalação da cultura europeia no estado, sendo uma das cidades do período (São Nicolau/RS), considerada como a Primeira Querência do Rio Grande. Além do mais, as Missões do RS apresentam uma riqueza de material antropológico, com ruínas (sendo a mais conhecida e preservada delas a de São Miguel das Missões) e museus. Assim, toda a sua história preservada na memória de seus moradores e materializada em objetos e resquícios do período, ainda ressoa nos dizeres de e sobre as Missões, nos enunciados dos moradores locais,

2 Música completa disponível em: [Youtube](#).

nas músicas, poesias e na estrutura das cidades³.

Segundo o que destaca Tau Golin (2014, p. 11),

As Missões tinham sido o exemplo histórico de ruptura da continuidade do domínio colonial na região e da construção de uma via alternativa, baseada na propriedade coletiva dos Povos, constituídos através das alianças entre as famílias extensas indígenas sob a orientação geral da Companhia de Jesus.

O que hoje entendemos como a região das Missões, constituía a Província Jesuítica do Paraguai, uma unidade administrativa do Reino da Espanha que se estendia por países como o Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai. Ao todo, haviam 30 povos (ou seja, 30 reduções jesuíticas), 23 destes localizados na margem direita do rio Uruguai e sete localizados na margem esquerda – os quais se destacam, atualmente, como os 7 povos das Missões (trazemos aqui para ilustração a cidade de São Miguel das Missões, a mais conhecida e patrimônio mundial de preservação da UNESCO) (GOLIN, 2014).

As Missões, como já dito, hoje são discutidas como um período multifacetado: a leitura feita deste período da história e o seu entendimento causam divergências. Estas divergências estão basicamente centradas na compreensão e em uma delimitação da história (a qual não concordamos) entre boa e ruim. Há, porém, leituras que buscam compreender o processo de formulação das reduções como são: um contexto sócio-histórico. Muitas destas leituras estão embasadas em conceitos religiosos que atravessam, em especial, o discurso dos moradores locais. Ou seja: o sujeito missioneiro.

Vimos trabalhando, durante nosso percurso enquanto sujeitos pesquisadores, sobre a

3 Todas as cidades que compõem as Missões/RS apresentam, em suas entradas, uma cruz missioneira. Também, em diversas delas, a presença da arquitetura missioneira é presente em pontos da cidade, como em quiosques de informações, museus, bibliotecas, onde tenta-se replicar construções antigas do período.

formulação e circulação do discurso sobre a história da região das Missões do Rio Grande do Sul (RS)⁴. Nesse percurso que envolve afetos e pesquisas – e, por que não, (re)conhecimento da história –, algo tem nos inquietado de maneira bastante singular, a saber: a formação da identidade do sujeito missioneiro e os processos de identificação desse sujeito. Seja pelos versos das músicas, pelas características de levar a cultura missioneira ou apenas pela identificação com a região, o enunciado ser missioneiro carrega consigo diferentes formas de compreensão.

Mas, afinal, o que ressoa quando é dito: sou missioneiro? O que ressoa quando identificamos uma música como uma Música Regional Missioneira? Compreendemos que há, em jogo, diferentes efeitos de sentido, que perpassam o sujeito – identificado como missioneiro, quase em paralelo ao gaúcho, mas, ao mesmo tempo, em contraidentificação ao sujeito brasileiro. Esses processos de formação podem ser observados através da literatura, da música, de obras de arte e diversos outros meios que demonstram a identificação dos sujeitos em relação às Missões. A figura do gaúcho é sempre emblemática e propõe reflexões, sendo possível desenvolver diferentes questionamentos acerca do que significa ser gaúcho⁵. Do mesmo modo, para nós, é o sujeito missioneiro e a sua identificação que propõem reflexões e diferentes questionamentos acerca da história, da memória e da ideologia que circundam o seu processo de formação.

Para o desenvolvimento deste artigo, mobilizamos a formulação da constituição dessa identidade missioneira a partir das músicas dos Quatro Troncos Missioneiros, sendo eles: Jaime Caitano Braun, Cenair Maicá, Pedro Ortaça e Noel Guarany. Estes, por meio das letras de músicas e diversas poesias, buscam retratar o que é ser missioneiro e contar um pouco sobre a his-

tória das Missões do RS. Interessa-nos, aqui, a reflexão em relação às letras de suas músicas e o efeito de construção da imagem do sujeito missioneiro.

Para efeitos de construção de nossas reflexões: a compreensão do conceito de sujeito

Apresentando-se como um dos conceitos basilares para a constituição da perspectiva teórica da Análise de Discurso, doravante AD, a compreensão do que representa o sujeito para a teoria e para o discurso, muitas vezes, não é um trabalho fácil e tão simples quanto parece. Retomando o que afirma Orlandi (2015, p. 15), “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”, propomo-nos a compreender o sujeito enquanto uma posição, uma posição-sujeito, assumindo, em espaços divergentes, diferentes posições.

Mas, antes de começarmos a delimitar o que entendemos como sujeito através dos pressupostos teóricos e metodológicos da AD, gostaríamos de trazer o que assegura Maria Cristina Leandro Ferreira (2010, p. 4), em seu texto *Análise Do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*,

Para tratar do sujeito, é preciso puxar também os fios da linguagem e da ideologia, que se encontram imbricados na mesma urdidura. Esse ponto de entrelaçamento que forma nós comuns que se sustentam uns aos outros marca o terreno próprio da análise de discurso nos moldes em que foi concebida por filósofos, psicanalistas e lingüistas. Talvez seja justamente essa mistura tão instigante que distinga essa abordagem discursiva das demais correntes lingüísticas, quer textuais ou, até mesmo, as que também se denominam discursivas.

Essa citação da autora apresenta um pouco da complexidade que é compreender o conceito de sujeito para a AD, visto a necessidade de mobilização de diferentes conceitos para que

4 Conferir nosso trabalho de dissertação disponível em: [Repositório UFSM](#).

5 Para saber mais sobre o assunto, consultar: [PETRI, 2004](#); [POMMER, 2008](#); [BRUM, 2005](#); [Movimento Tradicionalista Gaúcho](#); *Releituras da História do Rio Grande do Sul* (2011)

sejam tratados, de forma adequada, os fios da linguagem e da ideologia que o constituem.

Se partimos do ponto de que os fios da linguagem, da ideologia e do sujeito se vinculam, podemos destacar que sentido e sujeito são definidos como “efeitos de práticas discursivas necessariamente ideológicas” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 139). E, considerando esses efeitos e a interpelação ideológica que compõem o sujeito, Pêcheux (2014, p. 149) afirma que

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas.

Essa colocação remete-nos ao que gostaríamos de tratar ao pensarmos em um processo de formulação do sujeito missioneiro: a identificação que ocorre. É possível observarmos que quando falamos da formulação de um sujeito missioneiro, este se constitui ideológica e historicamente a partir de um processo de identificação, seja com a arte, a cultura ou a história missioneira. Chamamos de processo, visto que há sempre uma gama de formulações possíveis para a constituição desse sujeito – tal como Beck e Esteves (2012) trazem os processos de identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação, com base no exposto por Pêcheux (2014)

Por meio desses processos de identificação, observamos o funcionamento do bom sujeito (com a identificação plena), em que, segundo Beck e Scherer (2008, p. 171), nesta modalidade, “este se identifica com a formação discursiva e ideológica à qual se encontra assujeitado. Essa identificação se dá de modo inconsciente, pois, para Pêcheux, a ideologia tem como característica encobrir seu próprio funcionamento.” Assim, entendemos que quando o sujeito, mesmo que

inconscientemente, não faz questionamentos à ideologia (ou formação discursiva) que está interpelado, ele identifica-se plenamente com esta ideologia, reproduzindo de maneira total o discurso.

A fim de compreendermos melhor, consideramos a condição proposta por Pêcheux (2014) como a forma-sujeito do discurso. Assim, retomamos o dito do autor: “há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio” (PÊCHEUX, 2014, p. 145, grifos do autor). Sobre a interpelação, Althusser (2008, p. 210), especialmente em sua obra *Sobre a reprodução*, traz à baila que “toda ideologia existe pelo sujeito e para os sujeitos. [...] a ideologia só existe para sujeitos concretos (eu e você) e esse destino da ideologia não é possível a não ser pelo sujeito: entendamo-nos, pela categoria de sujeito e seu funcionamento”.

Desse modo, entendemos que a ideologia funciona através de uma via que garante

[...] a) a interpelação, b) a submissão do sujeito, c) o “recobrimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo” [...] e d) a segurança absoluta de que tudo anda bem desse modo, desde que os sujeitos se autorreconheçam e se conduzam em conformidade. (BECK, SCHERER, 2008, p. 172)

Quando pensamos acerca dessa produção, podemos associá-la à forma como o sujeito, interpelado ideologicamente, identifica-se com seu entorno, uma vez que, como destaca Althusser (2008, p. 219), o “reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e o reconhecimento do sujeito por si mesmo” e, dessa forma, são considerados como constituinte das formações discursivas (doravante FD) o reconhecimento pelos sujeitos de determinada FD, na qual os sujeitos se identificam e inserem.

Para refletirmos acerca da constituição do sujeito missioneiro, veremos o funcionamento do bom sujeito e de sua identificação plena. Esse

processo de identificação ficará bastante marcado ao observarmos a constituição do sujeito missioneiro. Uma identificação plena, conforme Pêcheux (2014), é quando os sujeitos participantes e identificados com essa FD assumem os interditos e os incorporam em seus enunciados – de maneira inconsciente, destacando a importância que, para eles, apresentam-se nas Missões do RS.

A Música Regional Missioneira e os Quatro Troncos Missioneiros

Ao tratarmos sobre as Missões do RS, as abordagens sobre a sua história são diversas e constituídas de diferentes vieses, como, por exemplo, o tratamento em relação à história pelo viés do discurso religioso (Igreja Católica, neste caso), as produções artísticas e culturais (poesias, espetáculo Som e Luz, danças, artesanatos), entre outras. Um dos modos que os moradores locais encontraram para valorizar a sua história é a música. Com isso, é possível observarmos uma série de letras e melodias que contam sobre a constituição das reduções, as ruínas que ali ainda resistem, a população que reside na região, os indígenas e suas lutas, dentre outros assuntos. Segundo Brum (2006, p. 90-91),

6 Compreendemos o discurso sobre, a partir do que destaca Venturini (2009), onde trata que o discurso sobre se constitui a partir do discurso de, caracterizando-se pelo processo de rememoração, que “ocorre na dimensão não linear do dizer e ocupa o espaço do já dito e do significado antes” (VENTURINI, 2009, p.73). Desse modo, o discurso sobre “se funda em outros discursos que constituem a sua memória, a forma de referenciar o dito” (VENTURINI, 2009, p. 77). Como destacam Schneiders e Klein (2019, p. 208) “O discurso sobre tem como primeiro efeito a aparente estabilidade, onde o sujeito acredita poder realizar o apagamento seletivo da memória histórica, dominando esta materialidade através de sua formação discursiva (FD). Esse apagamento seletivo aparece na constituição do discurso sobre que circula na região das Missões: apagar o sofrimento indígena e romantizar a catequização e dominação cultural e linguística, rememorando os jesuítas como homens que tentavam apenas contribuir para o bem, esquecendo-se do que foi perdido, a cultura e a língua indígena, junto ao que foi silenciado/apagado posteriormente.”

A música missioneira pode ser entendida como um gênero musical relacionado às Missões. Nos diferentes contextos em que é mencionada a música missioneira pode se referir àquela ensinada pelos jesuítas e reproduzida pelos guaranis, durante a experiência missioneira, tratando-se do barroco musical, [...] na atualidade, composições de caráter regionalista, cuja poesia enaltece o passado missioneiro e seus descendentes.

Levando em consideração esses aspectos sobre a música missioneira, podemos compreendê-la como uma espécie de anexo em relação a todas as outras manifestações culturais realizadas na região. Ou seja, a música missioneira caracteriza-se por seu constante apelo às Missões, levando a cultura e a história através de seus versos. Entendendo isso, retomamos o que assegura Brum (2006, p. 93): “a música missioneira é temática e não um ritmo”, no sentido de que os seus cantores incorporam poesia sobre as Missões a ritmos já conhecidos da música tradicionalista gaúcha⁷.

Desses cantores, destacamos quatro, conhecidos como Os quatro troncos missioneiros, a saber: Jaime Caitano Braun, Cenair Maicá, Pedro Ortaça e Noel Guarany, os quais em suas letras “enfocam o passado missioneiro enquanto herança da qual se consideram herdeiros e cultuadores, sob o signo do regionalismo, em que as Missões passam a ser percebidas como a origem do gaúcho” (BRUM, 2006, p. 93).

Conforme o jornal gaúcho *Correio do Povo*,

Os chamados quatro troncos missioneiros fizeram-se batedores da verdadeira arte poética e musical do Rio Grande do Sul. São eles Noel Guarany, Cenair Maicá, Jayme Caetano Braun e Pedro Ortaça. Os três primeiros não habitam mais o chão que tanto cantaram, mas Pedro Ortaça segue como uma lenda viva a cantar o berço que lhe deu vida.

7 Podemos citar aqui, para compreendermos a Música Tradicionalista Gaúcha, cantores como Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Grupo dos 8, entre outros.

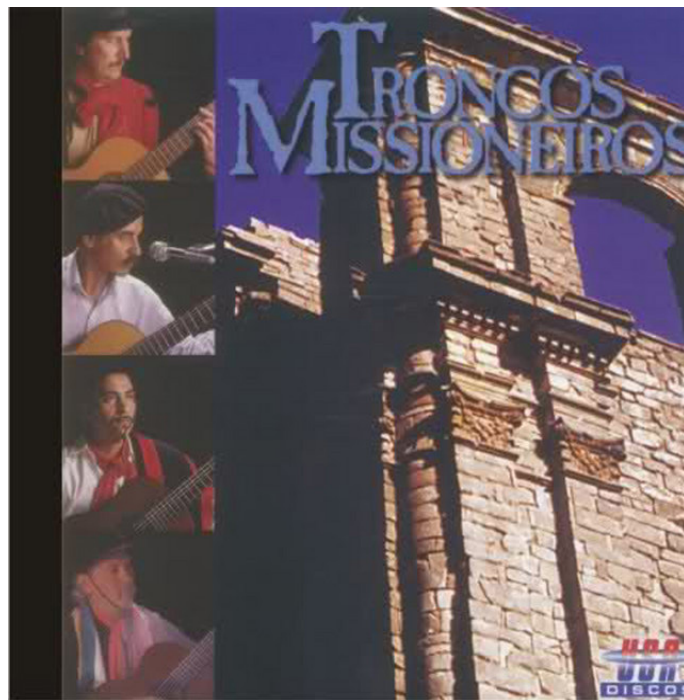
Noel Guarany empunhou guitarras, entoou sua voz e sustentou ideias. Cenair Maicá cantou com maestria temas nativos, principalmente os relacionados à água, hoje tão recorrentes. Jayme Caetano Braun era o pajador da verve que se revelava inesgotável, pujante. Pedro Ortaça mantém esse legado como quem cuida de um tesouro das Missões.

Temos um regionalismo universal, a exemplo da obra de Simões Lopes Neto. Nosso canceiro canta nossa densidade humana e torna-nos partícipes da sinfonia que mostra quem somos e por que cantamos assim. Na fixação dessa identidade, os quatro troncos missioneiros cumpriram uma relevante missão (OVIEDO, s.a, s.p.).

Junto do enfoque no tratar sobre as Missões do RS em suas letras, Os quatro troncos missioneiros somam diversas composições – que serão, posteriormente, neste texto, nosso foco de estudo e reflexão –, lançando inclusive um disco⁸:

Troncos missioneiros é o nome de um disco (um LP lançado em vinil em 1998 e re-lançado em CD na época de 2000) que reúne quatro artistas da Região Missioneira do Rio Grande do Sul. [...] Com registros fotográficos a partir dos anos 1970, a obra desses artistas está intimamente relacionada à construção da identidade missioneira do Rio Grande do Sul, Brasil. Também podem ser considerados como troncos de uma “Música Regional Missioneira”, que acabou por influenciar uma parcela significativa da música regional produzida nesse estado. (BARBOSA, 2012, p. 171-172).

IMAGEM 1 - CAPA DO DISCO TRONCOS MISSIONEIRO



Fonte: A Música do Sul (2012).

Esse disco apresenta diferentes letras de música, em sua maioria buscando referendar os processos históricos das Missões do RS e explorar os efeitos de identificação do sujeito com o missioneirismo⁹, transformando isso em poesia. Dessa forma, contribui para a identificação dos moradores da região, nascidos ou não no local, com o ser missioneiro.

A constituição do sujeito missioneiro: entre a história e a memória

mis-si-o-nei-ro

(*latim missio, -onis, missão + -eiro*)

adjetivo

1. *Relativo a missões.*

adjetivo e substantivo masculino

2. [*Brasil*] *Diz-se do natural ou morador das regiões onde*

*se estabeleceram as antigas missões jesuíticas*¹⁰.

8 O disco pode ser escutado na íntegra através da plataforma Spotify, por meio do link: <<https://open.spotify.com/album/6zksSOPndYjOhA81eMMQK2>>.

9 Missioneirismo é o termo utilizado para designar o processo de identificação e particularidade com a região das Missões do RS, seja por meio da história ou da memória. É utilizado em músicas, descrições e pelos sujeitos (POMMER, 2008).

10 Verbetes “missioneiro”, significação retirada do Dicionário

QUADRO 1: LETRAS DE MÚSICAS E INDICAÇÕES DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

A constituição de uma identificação do sujeito missioneiro ocorre principalmente por letras de músicas e outros objetos – muitas vezes turísticos – que relacionam os moradores da região ao passado missioneiro. Essa relação pode ser observada em diferentes materialidades, por exemplo, a apresentação desses moradores como missioneiro e não gaúcho, quando falam com pessoas de fora do estado. A relação forte com as ruínas – de São Miguel, Santo Ângelo, São Nicolau e outras – também é uma característica bastante presente na composição desse sujeito.

Em vista disso, apresentamos as seguintes sequências discursivas¹¹ (destacadas no quadro abaixo¹²) de três músicas (Os quatro missioneiros, De guerreiro a Payador e Destino Missioneiro), as quais foram compostas pelos artistas, que se apresentam como Troncos Missioneiros, e que compõem o álbum citado anteriormente. Essas letras serão trabalhadas em conjunto, e, para a análise discursiva, dedicar-nos-emos apenas à observação do processo de constituição do sujeito missioneiro em seus enunciados.

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Os quatro são missioneiros, <i>Unidos num mesmo abraço; São tentos do mesmo laço, Brasas dos mesmos braseiros (SD1),</i> Chispas dos mesmos luzeiros, Que onde um vai o outro vai. Nenhum pesar os contrai Nem desencanto nem mágoa; ¹ | Música: Os quatro Missioneiros, escrita por Pedro Ortaça (1988). |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| São passados que <i>me orgulho (SD6)</i> de cantar com a alma aberta E não de ser rimas bem certas e as cordas bem afinadas E a garganta bem afiada e os acordes bem certos Que assim qualquer brasileiro ou se escuta algum paisano <i>Verá que é sul americano o canto de um missioneiro.</i> [...] <i>Evoco a santo cacique o imortal Tiarajú</i> <i>Que deu pra esse Xirú a sublime inspiração</i> <i>De lutar por esse chão no mais sério patriotismo (SD7)</i> Da lança para o lirismo, da tradição ao presente Da incertidão ao consciente pra o puro brasileiro. ³ | Música: Destino Missioneiro, escrita por Noel Guarany (s.d.) |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaboração nossa, grifos nossos (2022)

rio Priberam da Língua Portuguesa. [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/missioneiro>>. Acesso em: 06 jan. 2022.

11 Tomamos aqui o conceito de sequência discursiva, tal como entendida por Courtine (2014) como uma sequencialização e formulações de referência.

12 Gostaríamos de destacar que, para composição de nossos gestos de análise, as sequências discursivas não seguem um critério cronológico (1, 2, 3...), mas sim vão conversando entre si para que possamos empreender nossos gestos analíticos.

Sou o que os historiadores
 Procuram lá nas ruínas
 Mas não sabem os doutores
 Que esta saga não termina
Que ainda restam descendentes
Da terra dos sete santos
E o passado está presente
Em tudo aquilo que canto (SD2)
 Não sabem que a esses escombros
 Ainda sirvo de escora
 E que carrego no ombros
 Trezentos anos de história
 Podem pensar que sou louco
 Mas eu comprovo na estampa
 O que hoje somos poucos
Os fósseis vivos da pampa
Sou filho dos sete povos
Tenho sangue de Sepé (SD3)
 E tudo que digo eu provo
 Com juramento de fé
 O meu legado é tanto
 Nem carece explicações
 E até no canto que canto
 Ecoa a voz das missões
 Guarany fui batizado
 E agora pago minhas penas
Sob o símbolo sagrado
Da velha Cruz De Lorena (SD4)
 Porém não sabe que nada
 A história do vencedor
 Que a lança fez-se guitarra
 E o guerreiro payador
Pra manter viva a memória
As pedras ganharam nome
E transformaram em história
O que resta desses homens (SD5)
 Pois mais vale a carcaça
 De um templo quase no chão
Que os descendentes da raça
 Que ragam changuando pão.²

Música:
 De Guerreiro a
 Payador,
 escrita
 por Pedro Orta-
 ça (1988)

rárias. Consideramos que, quando tratamos do sujeito missioneiro, essas representações, vistas do campo da formulação do sujeito, ilustram de maneira objetiva algo que acontece: os sujeitos, em geral moradores ou nascidos na região, identificam-se com o sentimento de pertencimento à história e memória das Missões/RS.

Esses sujeitos, designados como missioneiros, apresentam-se como fósseis vivos e descendentes da raça (SD3), fazendo referência ao povo guarani que constituiu parte significativa dos povos missioneiros no período de implementação das reduções jesuíticas. Como o que é representado e ilustrado na história, um sujeito peleador, conforme pode ser observado no SD7 ao comparar a figura do sujeito missioneiro a de Sepé Tiarajú¹³.

SD7: *Verá que é sul americano o canto de um missioneiro. [...]*

Evoco a santo cacique o imortal Tiaraju

Que deu pra esse Xirú a sublime inspiração

De lutar por esse chão no mais sério patriotismo

Brum (2006) destaca que essas comparações ao indígena ocorrem em inúmeros episódios, como por exemplo no uso do enunciado Esta terra tem dono. Segundo a autora, “esta referência [...] vem sendo citada, ao longo do processo histórico sulino, em inúmeros episódios para justificar uma gama de atitudes que denotam a construção de representações tendentes a ressaltar a bravura dos gaúchos, descendentes do

13 A história do mito de Sepé Tiarajú é tão emblemática quanto a missioneira. Sepé era corregedor geral, cargo que equivalia ao que entendemos hoje como prefeito, da redução de São Miguel das Missões, sendo escolhido para tal pelos próprios indígenas, configurando-se assim em uma liderança. Ele faleceu em combate, na conhecida Guerra Guaranítica (ver mais em GOLIN, 2014) em 1756. Em seu nome, foi atribuído o enunciado Esta terra tem dono, proferido na referente guerra quando Sepé lutava pela defesa e manutenção das reduções. Seu nome, seus dizeres e suas lutas ressoam até hoje como símbolo de força, sendo um dos personagens mais místicos, mas também mais celebrado da região. Sepé foi considerado como Herói da Pátria (PL5516/05) e teve sua canonização solicitada à Igreja Católica, junto a qual já é considerado como Servo de Deus. Ver mais em: [BRUM, 2008](#).

Em cada uma das letras, observamos que a identificação com a cultura missioneira é bastante forte. A retomada do passado missioneiro e o destaque de uma descendência guarani também se constitui como contínuo nessas composições (SD2).

Assim como ponderado por Petri (2009), há representações, no discurso sobre o gaúcho, que se manifestam, por exemplo, em obras lite-

índio Sepé” (BRUM, 2006, p. 14). Esta identificação com a figura indígena de Sepé ocorre, em especial, quando o sujeito missioneiro busca identificar e trazer a força para o seu discurso. Ou seja, Sepé é um modelo de virtudes aos sujeitos missioneiros que se identificam com o discurso religioso e, ao mesmo tempo, com algumas das proposições indígenas¹⁴.

Como já mencionamos anteriormente, o conceito de sujeito, empreendido a partir dos pressupostos teóricos da AD, possui diferentes articulações teóricas com outros conceitos, um deles é o das FDs, em que podemos definir como “regiões do interdiscurso, com as quais o sujeito se relaciona no processo de interpelação ideológica” (LIMA; VINHAS, 2018, p. 177). Nesse processo de relações e de identificações, entendemos que uma das características presentes, quando pensamos sobre o sujeito missioneiro, é a de unidade, apresentando-se, assim, como uma unidade que pensa e enuncia de uma determinada forma, sem que haja qualquer tipo de desidentificação com o que se acredita – ideologicamente.

No destaque realizado em SD1 (abaixo), percebemos esse sentimento de unidade e de pertencimento, um modo de encararmos que a formação do sujeito missioneiro aconteceria de uma mesma forma, por meio dos mesmos estímulos materiais e de identificação. Ou seja, poder-se-ia encarar essa unidade como: a) se o sujeito nasceu na região das Missões/RS, logo, é missioneiro; desse modo, o localizando geograficamente como pertencente à região; ou, b) se o sujeito não nasceu na região das Missões/RS, mas identifica-se como missioneiro; assim, mostrando que o sentimento de pertencimento aflora.

SD1: *Unidos num mesmo abraço;*

São tentos do mesmo laço,

16 Algumas visto que nem mesmo Sepé identificava-se plenamente com a causa indígena, já que estava submetido às tradições jesuíticas, assumindo um importante papel de líder indígena, mas catequizado e seguindo ordens dos jesuítas e da Igreja.

Brasas dos mesmos braseiros

Essa união entre sujeitos, em um processo de identificação com a história e a memória em circulação na região das Missões, pode ser percebida em diferentes momentos dos recortes apresentados: como em SD1, mas também no recorte SD2 (abaixo) e SD3 (abaixo), em passagens que, a partir das letras de suas músicas, os cantores realizam até uma diferenciação na ordem do sujeito brasileiro e do sujeito missioneiro.

SD2: *Que ainda restam descendentes*

Da terra dos sete santos

E o passado está presente

Em tudo aquilo que canto

SD6: São passados que *me orgulho* de cantar com a alma aberta

E não de ser rimas bem certas e as cordas bem afinadas

Nessa diferenciação, destaca-se que o sujeito missioneiro, plenamente identificado, se apresentará como missioneiro, não brasileiro. Tal processo já é visto dentro do movimento de identificação do sujeito gaúcho, mas torna-se mais forte e regionalizado quando pensamos no sujeito missioneiro.

Além da identificação com as questões de identificação com os povos originários, reproduzidas ao tratar da fundação das Missões/RS, nas letras também é possível observar a presença do discurso religioso articulado aos fatores citados. Este discurso religioso aparece, em especial, com a citação da Cruz de Lorena (ou Cruz Missioneira)¹⁵ a qual representa a fé redobrada e é símbolo das Missões. Uma destas referências aparece na SD4, trazendo a Cruz de Lorena como velho símbolo sagrado.

SD4: *Sob o símbolo sagrado*

Da velha Cruz De Lorena

É possível observar essa simbologia também como constituinte do sujeito missioneiro,

17 Ver mais em: [Cruz Missioneira, símbolo de fé redobrada](#)

visto que a sua representação está presente em estampas de camisetas, objetos de artesanato, escapulários e outros elementos. Estes elementos, articulados ao discurso de pertencimento do sujeito, demonstram uma relação forte de alguns de seus moradores com a história da região.

Isso tudo, relaciona-se com a SD5, que cita sobre manter viva a memória e transformar em história o que ainda fica das Missões. A identificação do sujeito missioneiro, desse modo, perpassa um discurso, transformando-se em ações de preservação das ruínas, por exemplo, da constituição de grupos para turismo (Trilha dos Santos Martíres, Caminho das Missões), como também de representações dessa história em artesanatos característicos.

SD5: Pra manter viva a memória

As pedras ganharam nome

E transformaram em história

O que resta desses homens

Dessa forma, levando em consideração os destaques realizados nas letras das músicas, compondo nossas SDs, a SD5 finaliza bem as considerações feitas: o sujeito missioneiro mantém o seu discurso pois o enxerga como uma forma de manter viva a história com a qual se identifica. Seja considerando-se como descendente dos povos indígenas, seja preservando as construções históricas que compõem a arquitetura da região, o sujeito missioneiro procura a manutenção do que considera como sua histórica particular, mas também uma unidade histórica.

Em vista disso, caracterizar um sujeito como missioneiro passa para além de uma questão geográfica, dando-se em consequência da identificação com uma FD em específico. Essa FD representará uma parte desse orgulho com o qual os sujeitos, que se identificam como missioneiros, tratam sobre a história das Missões, a constituição da experiência jesuítica e, também, o que ficou do período para e na região.

Para efeitos de encerramento...

Do mesmo modo que encerramos os escritos de nossa dissertação, iniciamos a reflexão final deste artigo: “A história importa e merece que lutemos por ela” (KLEIN, 2021). Em uma referência ao que destacam Gadet e Pêcheux (2010), em seu livro *A Língua Inatingível*, traçamos um paralelo sobre a importância de se discutir sobre a história e, com as reflexões propostas aqui, sobre aquilo que fica – e marca – dos acontecimentos históricos e de que modo isso ressoa na constituição de sujeitos.

Quando enunciamos acerca da constituição do sujeito missioneiro, pensamos na constituição de um sujeito interpelado pela ideologia e pela história. Estas apresentam-se como base de tudo aquilo que compõe o sujeito missioneiro, suas características e, em especial, seu discurso.

Como já dito, a identificação desse sujeito perpassa os limites geográficos da região. Muitos moradores que se identificam como missioneiros carregam consigo um discurso de reverência ao que os constitui como grupo social: a história das Missões do Rio Grande do Sul. E, estampar isso em marcas de apresentação ou no discurso ao falar sobre as Missões, já se manifesta como parte do discurso desses sujeitos.

Todo o processo de identificação do sujeito missioneiro, em relação à sua história particular e à história das Missões no RS, constitui-se como um imaginário do que foi esse passado e uma representação de presente. Segundo Brum (2006, p. 15),

[...] o passado missioneiro se constitui em um problema antropológico presente, uma vez que a memória do mesmo vem sendo acionada de diversas formas, produzindo imaginários, pertencimentos e identidades que têm o missioneiro como referencial histórico construído, cujos olhares importam em tomadas de posições acerca do passado no presente.

Desse modo, o referencial histórico impacta diretamente nesse reconhecimento e na identificação dos sujeitos que se apresentam como missionários. Assim, ser missionário, e todo o peso que essa expressão carrega, é como um modo do sujeito se localizar e reconhecer em determinado contexto sócio-histórico, e essa identificação e (re)conhecimento ficam visíveis pelo discurso desses enunciadores.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Sobre a reprodução. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBOSA, Iuri Daniel. Os Troncos Missionários e a construção da identidade missionária a partir da música. Para onde!? – Revista do Instituto de Geociências, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 171-177, jul./dez. 2012.
- BECK, Maurício. ESTEVES, Phellipe Marcel da S.. O sujeito e seus modos - identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. *Leitura*, Maceió, n. 50, p. 135-162, jul./dez. 2012.
- BECK, Maurício; SCHERER, Amanda. As modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e o legado marxista-leninista. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 169-183, jul./dez. 2008.
- BRUM, Ceres Karam. “Esta terra tem dono”: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/issue/view/1661>>. Acesso em: 16/02/2022
- GADET, Françoise; PECHÊUX, Michel. A língua inatingível. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. 2ª ed. Campinas: Editora RG, 2010.
- GOLIN, Tau. A guerra guaraníca: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- KLEIN, Mirela Schröpfer. O discurso sobre a história das Missões (RS): o caso do jornal O Nheçuano. 2021. 144p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.
- LIMA, Stella Aparecida Leite; VINHAS, Luciana. O funcionamento da ideologia no discurso separatista: uma análise de um texto vinculado ao movimento O Sul é meu país. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 32, p. 171-198. set./dez. 2018.
- OVIEDO, Landro. Sobre os Quatro troncos Missionários. Portal das Missões, Santo Ângelo16. Disponível em:< <http://www.portal-dasmissoes.com.br/site/view/id/1443/os-quatro-troncos-missionarios.html#:~:text=Os%20chamados%20quatro%20troncos%20missionarios,Caetano%20Braun%20e%20Pedro%20Orta%C3%A7a.&text=Cenair%20Maic%C3%A1%20cantou%20com%20maestria,%C3%A0%20%C3%A1gua%2C%20hoje%20t%C3%A3o%20recorrentes>>. Acesso em: 16/02/2022
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PETRI, Verli. Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira fechada, de Cyro Martins. 2004. Tese (doutorado). 332 p. Uni-
- 18 Originalmente, o texto citado consta no jornal *Correio do Povo*, ano 116, n.169, Porto Alegre, na edição de sexta-feira, 18 de março de 2011. No entanto, tivemos acesso a ele a partir da referência aqui citada.

versidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre/RS, 2004.

PETRI, Verli. A produção de sentidos “sobre” o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 4, n. 4, 2009.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. *Missionarismo: a produção de uma identidade regional*. 2008. 323p. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

SCHNEIDERS, Caroline M; KLEIN, Mirela S. Efeitos do ideológico e do histórico nos discursos em circulação. In.: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. n. 20, v.1, p. 201-219. Brasília, 2019.

Submissão: fevereiro de 2022.

Aceite: maio de 2022.